



A RELAÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO DA ESG¹ COM OS ATIVOS INTANGÍVEIS EM EMPRESAS CALÇADISTAS²

Paola Machado de Almeida³

Sabrina De Farias Borba Kiszner⁴

Ailson José Vier⁵

RESUMO

Diante dos cenários das últimas décadas, destaca-se a *Environmental, Social and Corporate Governance* – ESG. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo central analisar em que medida a adoção de políticas e práticas de ESG podem influenciar os intangíveis de indústrias calçadistas, agregando valor e diferencial competitivo. Quanto à metodologia, foi adotada uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa e qualitativa, por meio do estudo de casos múltiplos com três empresas. A aplicação foi através de dois questionários *on-line*, um direcionado aos contadores e o outro ao responsável pela área ESG. Foi realizada uma pesquisa documental através dos relatórios contábeis/financeiros e de sustentabilidade. Dessa forma, evidenciou-se, por meio dos dados coletados na pesquisa e nas demonstrações contábeis, que a adoção de políticas e práticas de ESG podem influenciar nos ativos intangíveis de empresas calçadistas, agregando valor e diferencial competitivo. Contudo, os resultados da pesquisa documental, comparados às respostas dos questionários, demonstraram a necessidade de uma maior interligação entre a área de ESG e a contabilidade. Pode-se inferir que o custo/benefício para obter certificações sustentáveis e de ESG foi pequeno em relação ao benefício, visto que as empresas obtiveram um retorno para a imagem da marca no mercado. Percebeu-se que cada empresa utiliza um método específico para mensurar e registrar os intangíveis: as empresas Alfa e Beta mensuram de acordo com o CPC 04, enquanto a empresa Gama utiliza os procedimentos presentes no CPC 06 na IFRS 16 (contratos de arrendamentos).

Palavras-chave: ESG. Contador. Ativos Intangíveis. Empresas Calçadistas.

ABSTRACT

In view of the scenarios of the last decades, the Environmental, Social and Corporate Governance - ESG - stands out. In this context, the central objective of this study was to analyze

¹ “A sigla significa *Environmental, Social and Corporate Governance*, traduzindo: meio ambiente, social e governança corporativa.” (CRUZ, 2022, p. 11).

² Trabalho de Conclusão de Curso. Data da submissão e aprovação: 20 dez. 2022.

³ Acadêmica do curso de Ciências Contábeis das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* paolaalmeida@sou.faccat.br.

⁴ Professora orientadora das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* sabrina@faccat.br.

⁵ Professor co-orientador das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* ailsonvier@faccat.br.

to what extent the adoption of ESG policies and practices can influence the intangibles of footwear industries, adding value and competitive differential. As for the methodology, an exploratory and descriptive research was adopted, with a quantitative and qualitative approach, by means of a multiple case study with three companies. The application was through two on-line questionnaires, one directed to the accountants and the other to the person responsible for the ESG area. A documentary research was carried out through the accounting/financial and sustainability reports. Thus, it became evident, through the data collected in the survey and in the accounting statements, that the adoption of ESG policies and practices can influence the intangible assets of footwear companies, adding value and competitive differential. However, the results of the desk research, compared to the answers in the questionnaires, demonstrated the need for a greater interconnection between the ESG area and accounting. It can be inferred that the cost/benefit for obtaining sustainable and ESG certifications was small in relation to the benefit, since the companies obtained a return for their brand image in the market. It was noticed that each company uses a specific method to measure and record intangibles: companies Alfa and Beta measure in accordance with CPC 04, while Gama uses the procedures present in CPC 06 in IFRS 16 (lease contracts).

Keywords: *ESG. Accountant. Intangible Assets. Footwear Companies.*

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço da globalização, a busca pela implementação sobre temáticas como ESG (*Environmental, Social and Corporate Governance*) tornou-se um aspecto para determinar se as empresas são socialmente responsáveis, sustentáveis e, consecutivamente, apresentam uma gestão eficaz e inovadora. O conceito de ESG é utilizado para descrever o quanto um negócio busca meios de minimizar os impactos ao meio ambiente, de que maneira se preocupa com as pessoas e se adota boas práticas administrativas em sua organização (CRUZ, 2022).

O tema, representado pelo reconhecimento, mensuração e divulgação dos impactos ambientais, sociais e de governança, está em ascensão para implementação nas empresas calçadistas. Assim, como este trabalho tem a finalidade de analisar as demonstrações contábeis e o relatório de sustentabilidade de três anos consecutivos, e identificar as questões relacionadas à ESG (Ambiental, Social e Governança Corporativa) em três organizações calçadistas, faz-se a seguinte pergunta: Em que medida a adoção de políticas e práticas de ESG podem influenciar os intangíveis de empresas calçadistas, agregando valor e diferencial competitivo?

Dessa forma, ressalta-se que o objetivo geral deste trabalho foi analisar em que medida a adoção de políticas e práticas de ESG podem influenciar os intangíveis de indústrias calçadistas, agregando valor e diferencial competitivo. Os objetivos específicos foram: examinar as demonstrações contábeis (Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado e as Notas Explicativas) e o relatório de sustentabilidade dos últimos 3 anos das empresas

calçadistas, especificamente, em relação aos intangíveis; comparar o custo/benefício para obter certificações sustentáveis e de ESG; e identificar o processo que os contadores utilizam para mensurar e registrar os intangíveis.

A pesquisa justificou-se por sua importância e emergência, visto que se trata de um tema da atualidade, sendo essencial e oportuno à área contábil, às empresas, aos gestores e à sociedade. Diante disso, a principal razão da escolha desta temática fundamenta-se em agregar conhecimento e embasamento teórico na área de interesse profissional, pois acredita-se que as empresas e o(s) gestor(es) que relacionar(em) as teorias e práticas de ESG com os intangíveis, terão mais harmonia em seu desenvolvimento, serão mais transparentes em repassar as informações aos *stakeholders*⁶ e tenderão a minimizar os impactos negativos e potencializar os resultados positivos dentro de sua organização.

Com isso, percebe-se que há uma crescente busca das empresas pela sustentabilidade no decorrer dos anos. Segundo o Pacto Global e a Stilingue (2021), no ano de 2010, novas empresas, acumulando 210 organizações, assumiram um compromisso com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Atualmente, a rede atingiu 1.100 membros no Brasil e, até o ano de 2030, pretende crescer exponencialmente e alcançar uma economia sólida, com foco no Ambiental, no Social e na Governança Corporativa.

Diante dos segmentos existentes no mercado, escolheu-se abordar o das empresas calçadistas em virtude de ser o quinto maior setor industrial gerador de empregos no Brasil, com praticamente 290 mil trabalhadores (ABINFORMA, 2020). O estudo tem foco na região do Vale do Paranhana/RS e na região do Vale do Rio dos Sinos/RS, pois o Sul do país é o segundo polo com a maior rede produtiva calçadista do país, ficando atrás apenas da região do Nordeste.

Quanto à metodologia, caracterizou-se como uma pesquisa quantitativa e qualitativa, com análise documental e coleta de dados aplicada por meio de questionários *on-line*, para o qual se utilizou a ferramenta *Google Docs*. A amostra foi selecionada a partir de empresas calçadistas com similaridades em seu perfil e quadro atual, associadas à AbiCalçados, em fase de implantação da ESG e localizadas nas regiões do Vale do Rio dos Sinos e do Paranhana/RS.

O artigo subdivide-se em cinco capítulos, sendo o primeiro a presente introdução, seguido da fundamentação teórica, da metodologia, da análise dos dados e, por último, das considerações finais.

⁶ De acordo com Freeman (1984), entende-se “stakeholders” qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pelas ações desenvolvidas na organização, ou seja, todas as partes interessadas, podendo ser funcionários, clientes, fornecedores, acionistas, bancos, ambientalistas, governo e outros grupos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão abordados os principais conceitos do referencial teórico relacionados ao tema *Environmental, Social and Corporate Governance* - ESG e os ativos intangíveis, apresentados em uma lógica a partir dos temas mais abrangentes até os mais específicos.

2.1 Desenvolvimento Sustentável

Em 1987, foi divulgado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente, integrante da ONU, o “Relatório *Brundtland*”⁷, que define o desenvolvimento sustentável como a capacidade de garantir e atender às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras, a fim de atender às próprias necessidades (UNITED NATIONS, 1987, tradução nossa).

Na evolução dessa perspectiva, após os Objetivos do Milênio, a ONU divulgou, em 2015, os dezessete Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) - objetivos ambiciosos e interconectados que abordam os principais desafios do desenvolvimento sustentável. São eles:

Figura 1: Os 17 objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).



Fonte: Imagem divulgada no site da ONU Brasil.

A Figura 1 retrata os 15 ODS compondo os âmbitos da Saúde, Erradicação da Pobreza, Meio Ambiente, Educação, Igualdade de Gênero, Paz e Justiça. Essa mobilização prosperou

⁷ Nome conhecido popularmente, mas registrado como o documento “*Our Common Future*” (Nosso Futuro Comum), em 1987. Foi presidida pela ex-primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland.

para a Agenda 2030, consolidada em 2015, englobando os 17 Objetivos e 169 metas para o Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015).

Um dos maiores problemas enfrentados atualmente pela humanidade diz respeito à poluição ambiental. Consoante Kronemberger (2011), nas últimas décadas houve a intensificação das consequências desastrosas da desigualdade social e da degradação ambiental, por incumbência de modelos de desenvolvimento e de produção em excesso de recursos naturais, os quais desestabilizam o sistema como um todo, assim causando um desequilíbrio.

Abramovay (2012) expressa que o desenvolvimento sustentável é o que satisfaz as necessidades das gerações atuais, sem comprometer as das gerações futuras. Além disso, constata que “a governança necessária ao desenvolvimento sustentável é a que submete a dinâmica da economia ao preenchimento das reais necessidades da sociedade, no respeito aos limites ecossistêmicos.” (ABRAMOVAY, 2012, p. 55).

Segundo Rattner (2012), o modelo atual de desenvolvimento do mundo não é sustentável devido às mudanças climáticas, ao crescimento exponencial da população mundial, à redução da diversidade biológica e cultural, e à ampliação da pobreza e da desigualdade social, que têm aumentado a vulnerabilidade da humanidade e dos ecossistemas do Planeta Terra.

À vista disso, no decorrer dos anos, a essência da Responsabilidade Social foi assumindo uma visão mais ampla, a qual responsabiliza as organizações pelos impactos que elas produzem e que afetam a sociedade e o meio ambiente, a partir de suas práticas, atrelada ao conceito de Desenvolvimento Sustentável (ABNT, 2010).

As discussões relacionadas ao tema de Desenvolvimento Sustentável precederam e originaram o Pacto Global entre as nações - com a finalidade de gerar um impacto positivo no meio ambiente por meio da mobilização de pessoas e empresas, contribuindo, assim, para um mundo melhor.

2.2 Pacto Global

Em 2000, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou o Pacto Global, a fim de encorajar empresas a adotarem políticas de responsabilidade social corporativa e de sustentabilidade, para conduzir o mundo para um futuro melhor. Assim, o Pacto Global (ONU, 2000) é uma chamada para que as organizações alinhem as suas estratégias às suas operações de negócios e à sua cadeia produtiva, em conformidade com os Dez Princípios Universais nas áreas de Direitos Humanos, Trabalho, Meio Ambiente e Anticorrupção, com o intuito de desenvolverem ações que contribuam para enfrentar os desafios da sociedade.

Segundo os dados divulgados pelo Pacto Global da ONU, até os dias atuais, essa mobilização pode ser considerada como a maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo, com mais de 16 mil membros, entre empresas do mundo, distribuídos em 69 redes locais, que contemplam 160 países (ONU, 2000).

Deve-se levar em consideração que o Pacto Global dos anos 2000 não é um instrumento regulatório, um código de conduta obrigatório ou um fórum para policiar as políticas e práticas gerenciais (ONU, 2000). É por meio de lideranças corporativas comprometidas e inovadoras que este acordo se estabeleceu como uma decisão voluntária, que fornece diretrizes para a ascensão da sustentabilidade e da cidadania dentro das organizações. (*Ibid.*, 2000).

Em conexão com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, são disponibilizadas, pelo Pacto Global, ferramentas que podem ser acessadas *on-line* e de forma gratuita, as quais têm o objetivo de auxiliar a inserção dos ODS dentro das estratégias de negócios, auxiliando as empresas e organizações nos processos de implementação, acompanhamento e mensuração das metas, dos riscos e das oportunidades. Com isso, os dados tabulados, através da ferramenta *SDC Action Manager*, podem servir como uma base para o planejamento e a construção de um plano de ação eficiente e eficaz.

Uma forma de realizar a aplicação, na prática, seguindo os princípios do Pacto Global expostos acima, é por meio da adoção de práticas de Responsabilidade Social no âmbito empresarial. Dessa forma, as práticas sustentáveis e socialmente responsáveis adotadas pelas empresas auxiliam e direcionam as organizações para uma atmosfera mais responsável e sustentável para toda a humanidade.

2.3 Responsabilidade Social

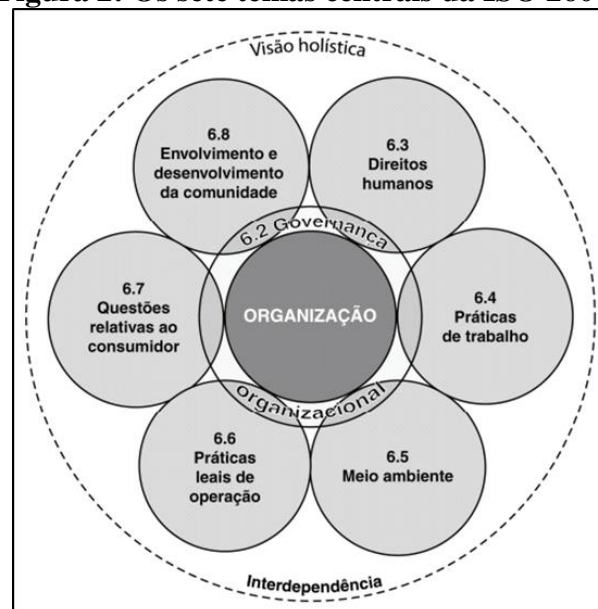
Conceitua-se a Responsabilidade Social (RS), na visão de Vallaeys (2016), como a capacidade de uma organização de responder publicamente por seus atos, que poderão causar consequências futuras, tanto para o meio ambiente quanto para a população. Essa definição aborda a prestação de contas (*Accountability*), em relação à gestão de impactos, como imprescindível, por meio de relatórios e diagnósticos da empresa, adotando-se a utilização de indicadores que possibilitam detectar e monitorar os impactos não desejáveis. A partir dos anos 90, as organizações ficaram mais alertas às temáticas referentes às responsabilidades éticas, morais e sociais, não apenas dedicando sua atenção às responsabilidades econômicas e legais (ASHLEY; CARDOSO, 2002).

A Responsabilidade Social, ao longo da história, vem sofrendo constante evolução. Uma das concepções divulgadas no início do século passado foi difundida pela Comissão Europeia, no ano de 2001, a qual preconizava a responsabilidade social com foco nas organizações, de acordo com uma decisão espontânea das empresas, em auxiliar a população para uma sociedade mais igualitária e um ambiente o mais íleso possível (Livro Verde, CCE, 2001). Com isso, o foco da responsabilidade social era concentrado no mundo dos negócios, tendo como base a ótica da Responsabilidade Social Empresarial (RSE).

No entanto, a partir de uma ampla discussão, que envolveu mais de 450 especialistas de 99 países e 40 organizações internacionais, os quais tinham um amplo desempenho local, surgiu a norma ISO 26000, divulgada no ano de 2010 (ABNT, 2010). A partir daí, vem se fortalecendo o entendimento de que o conceito de responsabilidade social se aplica a todas as organizações e que se refere aos impactos gerados a partir de seus processos e práticas, e não somente às suas ações bem intencionadas.

Assim, a norma ISO 26000 (ABNT, 2010) define, como diretriz, o conceito de responsabilidade social numa abordagem holística e interdependente, com 7 (sete) temas centrais, como demonstra a Figura 2:

Figura 2: Os sete temas centrais da ISO 26000.



Fonte: ABNT (2010, p. 21).

Dessa forma, a estrutura desta norma diretriz contempla os sete temas centrais dentro de uma organização: governança organizacional, direitos humanos, práticas de trabalho, meio ambiente, práticas legais de operação, questões relativas ao consumidor e envolvimento e

desenvolvimento da comunidade. Cada um dos temas inclui questões que englobam a responsabilidade social, orientando as empresas a alinharem suas práticas à RS, a partir da definição sobre o que é relevante para estabelecer suas prioridades (ABNT, 2010).

Além disso, diversos modelos de indicadores de Responsabilidade Social para a divulgação de Relatórios de Sustentabilidade têm sido desenvolvidos. Entre eles, os Indicadores criados em 1998, pelo Instituto Ethos para Negócios Sustentáveis e Responsáveis, no Brasil, um dos mais reconhecidos na América Latina, alinhado com a ISO 26000 e o *Global Reporting Initiative (GRI)*, e disponibilizado em 2010 - modelo que integra.

Os Indicadores Ethos (1998) são utilizados como ferramentas de gestão, de uso gratuito, que visam apoiar as empresas na incorporação da sustentabilidade e da Responsabilidade Social Empresarial (RSE) em suas estratégias de negócio, de modo que esse venha a ser sustentável e responsável. Essa ferramenta é composta por um questionário que permite o autodiagnóstico da gestão da empresa e um sistema de preenchimento *on-line* que possibilita a obtenção de relatórios, por meio dos quais é possível fazer o planejamento e o gerenciamento de metas para o avanço da governança na temática da RSE e de Sustentabilidade (*Ibid.*, 1998).

Internacionalmente, o mais difundido modelo de indicadores para relatório de sustentabilidade é o *Global Reporting Initiative (GRI)*, composto por uma cadeia de estruturas, regras e políticas, elaborado por especialistas de diversos países. Ele é pioneiro no desenvolvimento do relatório de sustentabilidade, que surgiu de uma parceria, em 1997, entre a CERES (*Coalition for Environmentally Responsible Economies*) e o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente).

Concomitante e de forma interdependente ao movimento para a Responsabilidade Social junto às organizações, surge a necessidade de mudança de modelo econômico, tendo a Economia Verde como uma das propostas para romper com o modelo de economia de mercado.

2.4 Economia Verde

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), a Economia Verde - que substituiu o termo “ecodesenvolvimento”, em 2012, de modo geral, propõe que a economia deve resultar em melhorias para o bem-estar da humanidade e igualdade social para a humanidade; ao mesmo tempo em que deve reduzir os riscos ambientais e a escassez ecológica, permitindo que países e pessoas melhorem sua qualidade de vida sem comprometer as gerações futuras (PNUMA, 2012).

Pela mesma razão, segundo o Dicionário Ambiental (2015), a Economia Verde possui três características principais, sendo elas: a baixa emissão de carbono, a eficiência no uso de recursos e a busca pela inclusão social. Isso quer dizer que a Economia Verde se refere a uma mudança de modelo econômico, contrária à economia de mercado, a qual busca apenas o lucro organizacional. Diante disso, as empresas estão se adaptando com o intuito de se adequarem a essa “nova” realidade.

Com a finalidade de diminuir a emissão de Gás Carbônico (CO₂), de acordo com a visão do Rattner (2012), as indústrias devem procurar produtos e processos alternativos, os quais utilizam como matéria-prima as biodegradáveis. Nesta mesma linha, Stadler e Maioli (2012) afirmam que, dentro de uma organização, é impossível desempenhar sua atividade gerando impacto zero no meio ambiente.

Segundo Abramovay (2012, p. 33): “[...] a economia verde [...], voltada à redução drástica no uso dos materiais e da energia contidos na produção de bens e serviços, seria capaz de alcançar os objetivos socioambientais que se pode esperar do sistema econômico.”, ou seja, novas práticas de economia sustentáveis abrem novos caminhos para a inovação.

Diante da demanda crescente de mudanças para um modelo econômico mais próximo da proposta de Economia Verde, as empresas têm repensado seus processos para integralizar os fatores ambientais, sociais e de governança às atividades econômicas. A missão da ESG é compreender e comunicar os impactos das organizações no ambiente e na sociedade e os possíveis riscos dessa interação, com o intuito de que as decisões sejam tomadas.

2.5 Environmental, Social and Corporate Governance (ESG)

Em 1994, John Elkington cunhou o termo *Triple Bottom Line* (TBL), conhecido no Brasil como o Tripé da Sustentabilidade. A ideia do autor era despertar as empresas para a sustentabilidade, nas dimensões social, ambiental e econômica, visando a adoção de um modelo socialmente justo, ambientalmente responsável e financeiramente viável.

Nos últimos 25 anos, segundo Elkington (2018), surgiram muitas outras iniciativas, ferramentas e modelos de indicadores, variantes do TBL, aplicáveis ao ambiente corporativo. Entre eles, a *Environmental, Social and Corporate Governance* (ESG), que foi utilizada pela primeira vez no relatório "*Who care wins*", do Pacto Global, em 2004, e que corresponde às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização.

Neste documento é enfatizada a importância da integralização do tema de ESG em relação às questões financeiras das organizações, com a finalidade de aprimorar a incorporação

dos fatores ESG nas análises financeiras. Para isso, seria necessário adaptar os modelos e as ferramentas correntes dos dados analíticos, incluindo informações qualitativas como vantagens competitivas das companhias ou como estão sendo melhoradas as mensurações dos impactos que surgem dos negócios (THE GLOBAL COMPACT, 2004).

De acordo com os autores Almeida e Pasqualetto (2022), o conceito de *Environmental, Social and Corporate Governance* pode ser evidenciado a partir da adoção de práticas e ações para que empresas possam contribuir com o desenvolvimento sustentável, nas três dimensões abordadas na sigla ESG.

Para Augusto Cruz (2022), o tema Ambiental (*Environmental*) está relacionado ao impacto de uma empresa no meio ambiente, como as emissões de gases, o uso eficiente de recursos naturais no processo de produção, o ciclo de vida dos produtos, poluição e gestão de resíduos e efluentes, além da inovação para *ecodesign* (design sustentável) dos produtos.

Quanto aos fatores sociais (*Social*), refere-se ao tema que demonstra a relação da empresa com os seus *stakeholders* (colaboradores, clientes e sociedade), cuja temática abrange aspectos relacionados à diversidade, à inclusão, ao respeito aos direitos humanos e à proteção de dados pessoais (*Ibidem*, 2022).

Já no tópico de Governança Corporativa (*Corporate Governance*), deve-se envolver a questão de governança referente à gestão da empresa, com o intuito de estabelecer os direitos dos acionistas, manter um conselho com bom funcionamento, ter políticas bem projetadas de remuneração de executivos e de prevenção de práticas ilegais, como, por exemplo, as fraudes e suborno, dispondo de práticas contábeis transparentes e éticas (*Ibid.*, 2022).

Um dos pilares da sustentabilidade corporativa é a transparência (CRUZ, 2022). Portanto, a parametrização de indicadores e informações sobre ESG é de suma importância para as organizações avançarem no tema e organizarem a divulgação de sua mudança a fim de contribuir para um mundo melhor, além de ser primordial para uma governança corporativa adequada.

Contudo, segundo Elkington (2018), mesmo após 25 anos do lançamento do *Triple Bottom Line*, todas as propostas variantes desse modelo, inclusive a *Environmental, Social and Corporate Governance* (Ambiental, Social e Governança Corporativa), mais conhecida pela sigla ESG, parecem muito limitadas em relação à proposta inicial para TBL, e restritas à área contábil.

Com o avanço das discussões referentes aos padrões globais de contabilidade para aplicar as teorias e práticas em ESG, as empresas estão, gradativamente, mais pressionadas a adotar, medir e divulgar suas estratégias, atividades, riscos e impactos socioambientais (CRC,

2022). Da mesma forma que, ao aplicarem a ESG nas empresas, poderá significar resultados nos Ativos Intangíveis, principalmente em sua marca.

2.6 Ativos Intangíveis

A fundamentação técnica da contabilidade brasileira está contida nos pronunciamentos do CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis) que reproduzem as normas do Comitê Internacional de Padrões Contábeis (*International Accounting Standards Board* – IASB). Essas são publicadas sob o formato de Normas Internacionais de Relatórios Financeiros (*International Financial Reporting Standards* – IFRS).

Com base no exposto, em relação ao Patrimônio de uma organização, de acordo com a Teoria da Contabilidade, este é constituído por Ativo, Passivo e Patrimônio Líquido (LOPES; MARTINS, 2007). Segundo Marion (2018), a contabilidade é a linguagem dos negócios, utilizada como uma ferramenta indispensável para o controle financeiro, econômico e patrimonial das empresas.

São através das demonstrações contábeis que se apresenta a situação patrimonial e financeira das organizações, de forma clara e concisa. O objetivo das informações contábeis é proporcionar aos usuários relatórios para a tomada de decisões (MELO; BARBOSA, 2018).

Com o objetivo de realizar a fundamentação e a conceituação teórica dos ativos intangíveis, segundo os autores e contadores Iudícibus, Marion e Faria (2018), o ativo é o conjunto de bens e direitos à disposição da administração, e o entendimento do seu conceito é fundamental para a teoria ou doutrina contábil, pois trata-se da essência contábil. Desse modo (*Ibid.*, 2018), pode ser considerado um ativo todo e qualquer elemento com ou sem natureza física, desde que seja monitorado pela empresa.

Segundo o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), com base nas Normas Internacionais de Contabilidade (CFC), os quais abordam os Ativos Intangíveis, está o CPC 04 (R1), emitido em 03 de Outubro de 2008 e atualizado em 05 de novembro de 2010, no qual o ativo intangível corresponde a “um ativo não monetário identificável sem substância física” (CPC, 2010, p. 5).

Os autores Lev e Gu (2016) protegem a riqueza escondida nos ativos intangíveis, em que a maioria das empresas desconsideram sua intangibilização, ocasionando uma impressão equivocada do seu real valor. Seguindo neste contexto, salientam que é dever dos contadores contabilizar os ativos intangíveis, evidenciando, corretamente, o seu real valor.

A definição do ativo intangível é representada através de um caso específico na mensuração de ativos. Seu reconhecimento e mensuração somente é possível se for provável que benefícios econômicos futuros fluirão para a organização (CPC, 2010). Isso se dará se o custo puder ser mensurado de forma confiável e se tiver condições de ser separado da entidade e vendido, transferido, licenciado, alugado ou trocado, seja individualmente ou em conjunto com um contrato, ativo ou passivo relacionado. Exemplificando, os ativos intangíveis são marca(s) e imagem(ns) associada(s) à empresa, patentes, participação no mercado, entre outros exemplos (*Ibid.*, 2010).

3 METODOLOGIA

Esta seção evidencia a metodologia utilizada para a realização do presente estudo, bem como o universo da pesquisa, os meios e os métodos utilizados à pesquisa.

3.1 Universo da pesquisa

O universo da pesquisa definiu-se a partir das empresas calçadistas com sede no Rio Grande do Sul, que integram a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (AbiCalçados). Tendo em vista a metodologia que se caracterizou como estudo de casos múltiplos, optou-se por delimitar uma amostra com três empresas calçadistas, denominadas Alfa, Beta e Gama⁸, com localização próxima entre o Vale do Rio dos Sinos⁹ e o Vale do Paranhana¹⁰.

As três empresas, Alfa, Beta e Gama, as quais integraram a amostra, foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: I) possuem similaridades em seu perfil e quadro atual; II) são associadas à AbiCalçados; III) estão em fase de implantação da ESG em suas práticas diárias; IV) estão localizadas nas regiões do Vale do Rio dos Sinos e do Paranhana/RS; V) são empresas de grande porte, ou seja, com receita bruta anual superior a R\$ 300 milhões; VI) têm como natureza jurídica uma Sociedade Anônima Aberta ou Fechada; e VII) possuem a certificação de nível máximo, denominada de Diamante (80% das metas atingidas com práticas internacionais de sustentabilidade), no Projeto Origem Sustentável da AbiCalçados.

⁸ Siglas denominadas para se referir às empresas do presente estudo, sem corromper a integridade e expô-las.

⁹ Abrange os seguintes municípios do Estado do Rio Grande do Sul: Araricá, Nova Hartz, Ivoti, Nova Santa Rita, Dois Irmãos, Portão, Estância Velha, Campo Bom, Sapiranga, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Canoas (COREDE, 2015).

¹⁰ Abrange os seguintes municípios do Estado do Rio Grande do Sul: Igrejinha, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Parobé, Presidente Lucena, Riozinho, Rolante, Santa Maria do Herval, Taquara e Três Coroas (COREDE, 2015).

Em relação ao seu quadro de funcionários, cada uma delas possui mais de 1.500 colaboradores ativos e uma produção de 5 milhões de pares por ano, no mínimo.

3.2 Meios utilizados à pesquisa

A metodologia foi desenvolvida por meio de uma pesquisa de natureza aplicada. No ponto de vista de Gil (2022), a pesquisa aplicada é direcionada à obtenção de conhecimentos visando à aplicação, em determinada situação, com o intuito de decifrar problemas reais.

O estudo se caracterizou, quanto aos objetivos, como uma pesquisa exploratória e descritiva. Quanto à pesquisa exploratória, segundo Gil (2022), define-se pela imersão acerca do problema, implicando no reconhecimento visual do local, na averiguação dos documentos e no contato com representantes envolvidos na pesquisa.

Além disso, no intuito de atingir os objetivos propostos, definiu-se como descritiva, pois foi preciso averiguar a analogia ou analisar os elementos do estudo e, até certo ponto, apontar vínculos causais entre fatores presentes e ausentes (MARCONI; LAKATOS, 2021).

Baseado nos objetivos definidos, optou-se pela abordagem quantitativa e qualitativa, com métodos mistos. Os quantitativos servem para verificar estatisticamente os intangíveis, pois, de acordo com Gil (2022), os resultados são representados em termos numéricos, já a qualitativa justifica-se pela abordagem de análise aos dados coletados pelo instrumento de pesquisa. Para Stake (2011), a pesquisa qualitativa é conhecida por ser complexa e mais descritiva, interpretativa e baseada em experiências situacionais e humanísticas.

Como procedimentos, adotou-se a pesquisa bibliográfica, para a apropriação do “estado da arte” dos temas abordados e a pesquisa documental, para análise dos balanços patrimoniais, das demonstrações contábeis e dos relatórios de sustentabilidade das respectivas empresas. A pesquisa bibliográfica utiliza meios constituídos, basicamente, por livros e artigos científicos, enquanto a documental recorre a fontes diversificadas (sem tratamento analítico), como, por exemplo: relatórios e documentos oficiais disponibilizados referentes às empresas do estudo, jornais, revistas, entre outros (FONSECA, 2002).

3.3 Métodos utilizados à pesquisa

A metodologia adotada para a pesquisa foi a de casos múltiplos, a qual, segundo Yin (2005), baseia-se na investigação de mais de uma fonte de evidências.

Ainda, para a coleta de dados junto às empresas, adotou-se um instrumento de coleta de dados, com aplicação de questionário. Segundo Gil (2022), o questionário é uma técnica de investigação que compreende questões apresentadas por escrito às pessoas, com a finalidade de conhecer opiniões, sentimentos, interesses, expectativas, entre outras informações da mesma natureza. Já Malhotra (2006) define questionário como uma técnica estruturada para coleta de dados, que consiste em uma série de perguntas que um entrevistado deve responder.

Quanto à forma, o questionário contemplou perguntas abertas e fechadas, com um roteiro estruturado. Para a coleta de dados, foi realizada a aplicação de dois questionários *on-line*, um dirigido ao contador e, o outro, ao responsável pela área de ESG, de cada uma das três empresas. Cada questionário contava com 10 questões no total, sendo o questionário do contador com 3 perguntas fechadas e 7 questões abertas, e o questionário do responsável pela área de ESG, com 4 questões fechadas e 6 perguntas abertas.

Os questionários foram enviados por e-mail, após contato prévio, por *WhatsApp* ou por e-mail, com as respectivas empresas. Os questionários foram estruturados por meio da ferramenta *Google Forms*, que também foi utilizada para a tabulação dos dados.

Foram coletados os dados entre os dias 02 de junho de 2022 até o dia 27 de julho de 2022, sendo obtidas 100% das respostas esperadas. Após o retorno das 6 pessoas envolvidas na amostra do estudo, realizou-se a análise do conteúdo das respostas referente às questões abertas.

Com fundamento em Bardin (2016), a ordenação da análise se dá em: I) a pré-análise; II) a exploração do material; III) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A partir das análises, foram identificados pontos de convergência e de divergência em relação às práticas e aos resultados das empresas integrantes da amostra, através da perspectiva dos contadores e do responsável pela área de ESG.

Essa análise foi cotejada com o referencial teórico e com a análise comparativa realizada a partir da série histórica dos três anos dos documentos contábeis e do relatório de sustentabilidade das empresas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Foram aplicados os 2 modelos de questionários junto às 3 empresas calçadistas com sede nas regiões do Vale do Paranhana e do Vale do Rio dos Sinos, com sede no Rio Grande do Sul, as quais integram a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (AbiCalçados) e que foram denominadas no presente trabalho de Alfa, Beta e Gama.

Para a escolha das empresas, construiu-se o Quadro 1, com informações gerais, contemplando os critérios para o delineamento do perfil das empresas Alfa, Beta e Gama:

Quadro 1: Descrição das empresas Alfa, Beta e Gama.

DESCRIÇÃO	EMPRESAS		
	ALFA	BETA	GAMA
Natureza Jurídica	Sociedade Anônima Aberta	Sociedade Anônima Fechada	Sociedade Anônima Fechada
Localização	Vale do Rio dos Sinos	Vale do Paranhana	Vale do Paranhana
Empresa associada na AbiCalçados	Sim	Sim	Sim
Nível de certificação no "Origem Sustentável"	Diamante (80% atingidos)	Diamante (80% atingidos)	Diamante (80% atingidos)
Nº de Funcionários (média)	3.600	2.300	2.800
Receita Bruta Anual (média)	R\$ 590.000.000	R\$ 275.000.000	R\$ 480.000.000
Produção de pares de sapatos/ano (média)	13.500.000	6.000.000	6.000.000

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Analisando-se o Quadro 1, há evidências de semelhanças entre o perfil das empresas Alfa, Beta e Gama quanto à natureza jurídica, quanto à localização, à certificação junto à AbiCalçados, no projeto Origem Sustentável, tendo alcançado o nível Diamante. Contudo, percebem-se diferenças quanto ao número de funcionários, à receita bruta anual e à produção de pares de sapato/ano, sendo a empresa Alfa a que apresenta os maiores resultados.

4.1 Análise sob a perspectiva do Responsável de ESG: pontos de convergência e de divergência

Quanto ao perfil dos respondentes responsáveis pela área de ESG, destaca-se Quadro 2, que demonstra as respostas das entrevistadas em relação ao gênero, à formação acadêmica e ao tempo de empresa.

Quadro 2: Comparativo de Gênero, Formação Acadêmica e Tempo de Empresa.

EMPRESAS	Gênero	Formação Acadêmica	Tempo de Empresa
Alfa	Feminino	Gestão Ambiental com pós-graduação em Meio Ambiente e Sustentabilidade	De 1 a 5 anos
Beta	Feminino	Gestão Ambiental	Há mais de 15 anos
Gama	Feminino	Relações Públicas com Especialização em Gestão e Comunicação Empresarial	De 10 a 15 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Segundo o Quadro 2, as três respondentes que ocupam o cargo de responsável da ESG das empresas Alfa, Beta e Gama são mulheres, o que sinaliza um ponto de convergência. Esse dado é relevante, considerando-se as questões de igualdade de gênero em cargos ocupados nas empresas, especialmente quando se trata de alinhamento com as diretrizes de ESG.

Percebe-se, também, que dois terços das respondentes possuem mais de 10 anos de atuação nas empresas, o que corrobora para o entendimento e o discurso de ESG como uma área que necessita uma visão holística, em que, além dos conhecimentos de sustentabilidade, é primordial ter conhecimentos técnicos e práticos da empresa como um todo.

Outro ponto convergente entre os relatos remete à capacitação oferecida pelas empresas: infere-se que essas possuem em seus pilares uma perspectiva de aprendizado e de crescimento tanto da organização quanto do capital humano.

Essa perspectiva coaduna com Stadler e Maioli (2012), já que se percebe, nessas organizações, uma preocupação com a baixa rotatividade, possibilitando que os seus colaboradores estejam engajados em suas funções por um período maior de tempo, que lhes permita um investimento em capacitação e desenvolvimento, a ponto de possibilitarem o seu crescimento na própria companhia.

Ao perguntar o tempo necessário para alcançar o nível de certificação no projeto Origem Sustentável da AbiCalçados, em que se encontram hoje, as empresas apresentaram convergência quanto ao nível de certificação - as três já alcançaram o Selo Diamante, nível máximo. O projeto Origem Sustentável é a única certificação de sustentabilidade para as empresas calçadistas e tem o intuito de “[...] certificar os processos produtivos na cadeia calçadista. Em constante evolução e atualização, o programa permite que as indústrias alinhem seus processos a indicadores reconhecidos internacionalmente.” (ABICALÇADOS, 2021, p. 61).

Contudo, com relação ao tempo que levaram para alcançar esse nível, demonstraram dados divergentes: todas alcançaram o certificado de nível máximo, porém cada uma em seu determinado tempo. A Gama chegou ao certificado Diamante após 1 ano da certificação de nível Ouro. Por outro lado, a empresa Alfa demandou 3 anos para alcançar a certificação, já a instituição Beta manifestou que: “Iniciamos no programa em 2013, com o selo Bronze, em 2016, recebemos a certificação Prata, em 2019, a certificação Ouro e, em 2021, conquistamos certificação máxima.” (Dados da pesquisadora, 2022).

Esses dados puderam ser levados em consideração devido à Covid-19¹¹, visto que, segundo o relatório da AbiCalçados (2021), algumas empresas alcançaram o nível mais rápido, pois olharam para os seus processos internos.

No que se refere às capacitações e qualificações para atuar no contexto de ESG, as três empresas da análise obtiveram respostas semelhantes, as quais abordaram que a fase de preparação envolveu a participação da AbiCalçados, da empresa que prestou a consultoria, da assessoria ambiental e do próprio programa do Orígem Sustentável. A respondente da companhia Alfa expõe que:

Em 2019 não havia uma integração em sustentabilidade [...]. Na empresa, implementamos integração nos aspectos ESG para todos os colaboradores novos e também realizamos atividades e ações com foco na educação ambiental sempre que existem oportunidades como a Semana da Sustentabilidade e eventos de fornecedores, além das próprias certificações como a do Orígem Sustentável em que paramos as atividades na fábrica para explicar o programa e os pilares envolvidos. (Dados da pesquisadora, 2022).

Corroborando com a fala da entrevistada os procedimentos equivalentes para obtenção das certificações sustentáveis de ESG utilizadas pelas empresas Alfa, Beta e Gama. À vista disso, o método utilizado foi a adesão ao programa para alcançar a certificação almejada, após constituir um comitê técnico para coletar as informações junto às áreas, como: Recursos Humanos, Qualidade, Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT) e Sustentabilidade.

Ademais, a companhia Alfa manifestou que, além desses passos primordiais, eles realizam, periodicamente, a análise dos indicadores do Programa, contemplando os índices alcançados e as metas a serem atingidas.

Nesta mesma linha, quando questionado sobre como foi o processo de implementação de ESG na instituição, as respostas convergentes se referiram à utilização de procedimentos técnicos, métodos contínuos em toda a cadeia produtiva e adoção de um sistema de gestão servindo como guia para alcançar as metas e os objetivos da agenda ESG.

De acordo com Rattner (2012), em um enfoque geral, para avançar em sustentabilidade, as pessoas e organizações necessitam abrir novas perspectivas para compreensão dos procedimentos complexos e seus fatores determinantes, com profundas repercussões na teoria e na prática da ação social transformadora. A partir dessa concepção, ressalta-se o relato da

¹¹ Consoante o Ministério da Saúde (2021), o COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, sendo o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Foi descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. No Brasil, foi registrado o primeiro caso de COVID-19 dia 26/02/2020.

respondente da empresa Alfa, ao afirmar que “[...] cada empresa possui suas particularidades e aspectos materiais, e a frente de trabalho precisa ter uma visão holística a ponto de identificar o que de fato faz sentido para o negócio [...]” (Dados da pesquisadora, 2022).

Isso demonstra que o comitê de sustentabilidade deve ser escolhido além do conhecimento técnico sobre sustentabilidade e a ESG, levando-se em consideração os colaboradores com uma percepção ampla da empresa, que tenham ciência da missão, visão e valores da instituição, e, preferencialmente, com atuação estratégica.

Quando questionado para as responsáveis da área de ESG no que se refere à percepção em relação aos colaboradores e se houve mudança durante a implementação de práticas sustentáveis na empresa, as respostas foram unânimes, relatando que os funcionários são participativos e engajados.

A organização Beta relatou que, através da alta direção e do comitê de sustentabilidade, os colaboradores estão acompanhando a agenda da ESG. Isso leva em consideração a formação de círculos de apoio, em que os CEOs “contribuem como instrumento na construção de capital social, aproximando as pessoas e fomentando a colaboração e a solidariedade.” (KRONEMBERGER, 2011, p. 123).

Com a mesma característica positiva, a respondente da empresa Gama informou que, com a publicação da Política de Sustentabilidade no ano de 2020, os colaboradores puderam ter uma maior percepção quanto à abrangência das questões ambientais, sociais e de governança corporativa e, conseqüentemente, acompanhar a evolução das pequenas ações realizadas no dia a dia da companhia.

No que tange à opinião das colaboradoras das empresas Alfa, Beta e Gama, referente à percepção na implantação de ESG, obtiveram-se as respostas do Quadro 3.

Quadro 3: Comparativo das respostas da implantação de ESG nas empresas.

EMPRESAS	A percepção da implantação de ESG
Alfa	A empresa atua há muitos anos com práticas ESG e tem se posicionado de maneira ambiciosa para ser uma empresa com impactos positivos. Um exemplo do comprometimento com a agenda ESG e avanço nesse processo de melhoria contínua é o estabelecimento de metas ESG atreladas à remuneração variável dos cargos mais altos da companhia. Atualmente os diretores executivos e CEO possuem as seguintes metas: 5% de redução nas emissões de gases de efeito estufa, 35% do quadro de colaboradores negros e 100% da cadeia de fornecedores de produtos acabados certificados na ABVETEX (Associação Brasileira do Varejo Têxtil).
Beta	As práticas de ESG fortalecem a organização, tornando-nos menos suscetíveis a riscos diversos (ambientais, sociais, de governança, legais ou reputacionais), tanto em nossas unidades próprias, como em toda a cadeia de valor. Além disso, estamos mais ávidos e preparados para aproveitar as oportunidades da nova economia sustentável, circular e de baixo carbono.
Gama	Essencial. Uma empresa que pensa em abrir o capital precisa ter as ações claras e estruturadas.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

De acordo com os retornos obtidos das três empresas da amostra, disponibilizados no Quadro 3, as organizações possuem pontos de convergência, porém, cada uma com sua singularidade. Cada empresa possui o relatório de sustentabilidade publicado, com suas particularidades e necessidades específicas para atingir determinado objetivo e público-alvo, através dos indicadores, com o propósito de publicar suas iniciativas e ações.

Conforme Stadler e Maioli (2012):

Não adianta uma empresa se dizer eficiente e socialmente responsável. Ela tem de provar, ratificar essas características. Isso é a apresentação dos dados da empresa com a utilização de parâmetros confiáveis [...] e de apresentação em relatórios junto aos tomadores de decisões nas empresas e aos seus *stakeholders*. (STADLER; MAIOLI, 2012, p. 144).

Como exposto acima, evidencia-se a relevância da apresentação dos relatórios das demonstrações contábeis, favorecendo a transparência das informações.

Salienta-se a importância de atestar tanto a exibição dos resultados financeiros e econômicos quanto às ações sustentáveis e práticas ESG, as quais são aplicadas no dia a dia das organizações do presente estudo, com o objetivo de atingir a cadeia (como clientes, fornecedores e funcionários) e, conseqüentemente, aumentar o intangível dessas.

No que se refere aos intangíveis das organizações Alfa, Beta e Gama, todas, em comum acordo, responderam que a implementação de ESG incorporou valor na imagem da empresa. No entanto, o que diferenciou foi a perspectiva das empresas Alfa e Beta em relação à Gama, visto que a justificativa das duas trouxe pontos que asseguram o viés da sustentabilidade, já a outra empresa não evidenciou tanto a preocupação com o meio em que está inserida, mas sim com a visão que seus consumidores terão da marca.

Já sob o ponto de vista da empresa Alfa, a responsável pela área de ESG relatou que, neste mesmo sentido, foi a resposta da gestora ambiental da empresa Beta, quando relatou que “A sustentabilidade, como a palavra diz, é um indicativo de solidez e capacidade de operação continuada e de longo prazo, características muito valorizadas no mundo pós-pandemia.” (Dados da pesquisadora, 2022).

Além disso, acrescentou que a preocupação com a agenda ESG tem garantido vantagem competitiva em comparação a outros *players* globais, principalmente em relação às novas gerações que são atentas à sustentabilidade. Essa percepção vai ao encontro de Cruz (2022),

quando aborda que a geração “Z”¹² está consumindo, investindo e trabalhando para as empresas que se preocupam com o meio ambiente.

4.2 Análise sob a perspectiva do Contador: pontos de convergência e de divergência

Ao analisar as respostas coletadas sob a perspectiva dos contadores de cada uma das empresas da amostra, analisou-se que um ponto convergente entre as instituições Alfa, Beta e Gama foi que 100% são formados em Ciências Contábeis há mais de 15 anos, e que dois terços da amostra são do gênero feminino, sendo um único respondente do sexo masculino, conforme dados disponíveis no Quadro 4.

Quadro 4: Comparativo do Perfil dos Contadores.

EMPRESAS	Gênero	Tempo de Formação	Tempo de Empresa	Capacitações de ESG
Alfa	Feminino	Há mais de 15 anos	Há mais de 15 anos	Não recebeu capacitações
Beta	Feminino	Há mais de 15 anos	De 10 a 15 anos	Sim, recebeu capacitações através de treinamentos internos para preparar os colaboradores para compreenderem e colaborarem com a ESG.
Gama	Masculino	Há mais de 15 anos	De 5 a 10 anos	Não recebeu capacitações, quem recebeu foi o membro do Comitê de Sustentabilidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Referente às capacitações para os contadores atuarem junto aos processos e práticas relacionados à ESG, a única empresa que afirmou oferecê-la aos contadores foi a Beta, apresentando uma divergência entre a conduta das empresas.

Neste viés, nenhuma das organizações alterou a rotina contábil após a implementação da *Environmental, Social and Corporate Governance*. A falta de mudança das rotinas contábeis, muitas vezes causada pela zona de conforto dos profissionais, é tão recorrente que Lev e Gu (2016) relataram que a maioria das empresas desconsideraram a contabilização dos intangíveis, ocasionando uma impressão ilusória do seu valor real.

Isso reflete em toda a demonstração contábil e financeira, pois caso um valor ou informação estejam presentes de forma equivocada, quando os *stakeholders* analisarem o universo das informações, poderão ter informações divergentes da realidade e, conseqüentemente, tomar decisões equivocadas.

¹² Pessoas que nasceram entre 1996 e 2010 (BORGES; SILVA, 2013).

Ao mensurar e registrar os ativos intangíveis, cada empresa possui sua metodologia, por esse motivo, foi de suma importância questioná-los sobre como é feita esta mensuração. Cabe ressaltar que o Pronunciamento Técnico dos Ativos Intangíveis expõe que os intangíveis não possuem substância física (CPC, 2010).

Diante disso, criou-se o comparativo das respostas das empresas Alfa, Beta e Gama, conforme o Quadro 5:

Quadro 5: Comparativo das respostas sobre a metodologia dos intangíveis.

EMPRESAS	Metodologia utilizada para mensurar os intangíveis
Alfa	Por custo de aquisição ou desenvolvimento.
Beta	Hoje apenas são reconhecidos contabilmente intangíveis a partir dos valores constantes em contratos.
Gama	Não utilizamos uma metodologia específica, e não incorporamos no BP itens como valor de marca, etc. Os intangíveis demonstrados em nossas DF's referem-se a IFRS 16 (contratos de arrendamentos).

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Conforme demonstrado no Quadro 5, as três empresas possuem práticas convergentes ao mensurar os seus ativos intangíveis. As empresas Alfa e Beta seguem uma metodologia específica, porém ambas se baseiam nas normas do CPC 04, a qual aborda os ativos intangíveis. Todavia, a empresa Gama utiliza outra metodologia que não se baseia no CPC 04: utiliza o CPC 06 (R2) - Arrendamentos, o qual passou a se relacionar, em 2019, com o IFRS 16 (*International Financial Reporting Standards*), conhecido como Normas Internacionais de Contabilidade.

A referida norma menciona contratos de arrendamento e, desde sua publicação, impactou no modo de realizar o balanço patrimonial, afetando, conseqüentemente, as demonstrações contábeis e a forma de suceder determinados cálculos voltados ao operacional das organizações.

Referente à percepção dos contadores sobre uma possível contribuição para a evolução dos intangíveis a partir da adoção de processos e práticas de ESG, a respondente da empresa Alfa afirmou que ainda não ocorreu de uma maneira que refletisse nos ativos intangíveis.

Já os representantes das empresas Beta e Gama relataram um ponto de convergência entre elas. A Beta respondeu que existe evolução, no entanto, a organização depende das novas regras internacionais para ter mais efetividade no registro das intangibilidades.

O contador da empresa Gama (2022) relatou que:

Entendemos que o compromisso com a sustentabilidade impulsiona a inovação disruptiva, a coerência entre discursos e ações e o aprimoramento da liderança, colaboração e transparência. A percepção de que estamos no caminho certo e de que estamos evoluindo é verificada por meio de *feedbacks* dos nossos *stakeholders*. O próximo passo seria adotar uma metodologia de mensuração para posterior reporte dos intangíveis considerando os aspectos de ESG. (Dados da pesquisadora, 2022).

Em relação às respostas apresentadas, pode-se notar que as empresas estão envolvidas com a sustentabilidade, em aprimorar cada vez mais novos processos para contribuir com uma sociedade melhor. Não obstante, os contadores estão ficando de lado nessa questão, sendo que apenas um terço deles afirmaram que tiveram participação ativa nas práticas no viés sustentável, inclusive da ESG. Essa falta de participação acarreta discrepâncias entre a fala dos entrevistados e as demonstrações contábeis.

Ao responderem qual o(s) custo/benefício(s) para as empresas Alfa, Beta e Gama obterem as certificações sustentáveis de ESG, segue o Quadro 6:

Quadro 6: Custo/benefício(s) para obter as certificações sustentáveis de ESG.

EMPRESAS	O(s) custo/benefício(os) para obter certificações sustentáveis de ESG
Alfa	Não sei dizer
Beta	Os custos que tivemos foram assessorias para orientar o mapeamento/acompanhamento das iniciativas que se enquadrariam na ESG. Os benefícios percebidos ainda estão sendo acompanhados, mas nossa percepção é que se verificam em conquista de mercado consumidor, melhor relacionamento com a comunidade, e reflexos no planejamento estratégico da empresa, por exemplo.
Gama	Possuímos o Selo Origem Sustentável, no qual tivemos apenas o custo da auditoria, cerca de R\$5.000,00, porém os ganhos com esta certificação tornam-se incalculáveis, considerando que nos coloca no seleto rol de empresas em nível diamante (classificação máxima do programa), com visibilidade junto às entidades mais importantes da cadeia calçadista como a AbiCalçados e com forte destaque em mídia e eventos por eles realizados. Além disso, o selo traduz todas as nossas ações de forma sucinta e abre mercados mais exigentes, principalmente no exterior. Consumidoras mais atentas ao tema também aumentam o apreço pela marca ao ver o selo nas embalagens dos calçados, sabendo, dessa forma, que todo o processo de fabricação é certificado. Além do Selo Origem Sustentável, também possuímos outros selos e reconhecimentos.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A contadora da empresa Alfa foi sucinta no seu retorno quando questionada sobre o(s) custo/benefício(s) para a organização alcançar as certificações sustentáveis, o que pode denotar uma falta de interação entre a respectiva área contábil com a de sustentabilidade. Pode-se inferir, de forma cotejada a outras respostas, que a causa poderia ser a falta de capacitação, instruções ou qualificações adequadas.

Já os contadores das companhias Beta e Gama retornaram com respostas convergentes entre elas, podendo-se averiguar que ambas percebem que os resultados da adoção de práticas de ESG agregaram valor em suas respectivas empresas de forma relevante, por meio do reconhecimento alcançado.

Além da empresa Gama não ter investido em capacitações apropriadas, os custos com as adequações para obter o Selo Diamante do projeto Origem Sustentável foram pequenos em vista do que a organização obteve como retorno para a imagem da marca no mercado.

Quando questionados se a implementação de ESG agregou valor à imagem da empresa e, conseqüentemente, aos ativos intangíveis, os três contadores responderam afirmativamente. Contudo, a contadora da empresa Beta acrescentou que, na contabilidade, os números ainda não foram refletidos, pois não ocorreram alterações no formato dos registros contábeis.

Já a empresa Gama respondeu que agregou valor na marca e nos intangíveis, acrescentando que, desde o ano de 2012, eles trabalham de forma estruturada, por acreditarem nessa ferramenta como geradora de valor para a companhia e para construir uma sociedade melhor. Porém, ao analisar as demonstrações contábeis dos últimos três anos, pode-se perceber que esses números não estão presentes nas demonstrações contábeis, trazendo um ponto de divergência em sua fala.

4.3 Análise comparativa das percepções do Responsável de ESG e do Contador

Correlacionando as respostas obtidas através da análise das respostas das responsáveis pela área de ESG e dos contadores das empresas Alfa, Beta e Gama, foi possível sistematizar as informações entre os dois setores, relacionando pontos de convergência e de divergência.

Sob a perspectiva do valor agregado pela ESG para a imagem da organização, todos os 6 participantes das empresas responderam que houve um crescimento na imagem da marca perante os *stakeholders*. Porém, quando questionado aos contadores, os respondentes das empresas Alfa e Beta responderam que ainda não percebem esse valor refletido nos números, pois dependem das novas regras internacionais para serem mais efetivos no registro das intangibilidades. Já a empresa Gama informou que sim, mas que precisam adotar uma metodologia de mensuração para, posteriormente, reportar as informações dos intangíveis, considerando os aspectos de ESG.

A análise permitiu a percepção de falta de conexão entre os contadores e a área de ESG. Corroborando para essa percepção a divergência nas respostas em que os responsáveis de ESG relataram que todos os colaboradores das empresas participaram e receberam treinamentos

relacionados a ESG. Quando realizado a mesma indagação aos contadores, em que 2 dos 3 bacharéis em ciências contábeis retornaram que não receberam capacitação e participações em práticas relacionadas à sustentabilidade e de ESG.

Cotejando essa percepção com a análise documental, confirma-se esta falta de integração e informações fundamentais entre as duas áreas, demonstrada diretamente pela falta de coerência entre as demonstrações contábeis e o relatório de sustentabilidade, os quais deveriam permitir às partes interessadas obterem uma visão global do desempenho ambiental, social e de governança corporativa da empresa. Mesmo sendo áreas distintas, os *stakeholders* precisam ver, de forma coesa e coerente, o todo da organização, e não como áreas, ou seja, os relatórios precisam estar fidedignos e, as informações, demonstradas da melhor maneira possível, com ideias congruentes.

4.4 Análise das Demonstrações Contábeis

Foi realizada a análise do balanço patrimonial da empresa Alfa referente aos anos de 2019, 2020 e 2021, conforme disponível para visualização na Tabela 1:

Tabela 1: Balanço Patrimonial da empresa Alfa.

EMPRESA ALFA	EXERCÍCIO ANO		
	2019 (R\$)	2020 (R\$)	2021 (R\$)
Ativo Total	1.413.249	2.832.545	3.366.326
Ativo Circulante	980.665	1.564.868	1.646.786
Ativo Não Circulante	432.584	1.267.677	1.719.540
Ativo Realizável a Longo Prazo	50.438	297.892	118.494
Investimentos	3.017	3.016	2.862
Imobilizado	304.082	316.300	403.868
Intangível	75.047	829.867	1.014.918
Intangíveis	75.047	829.867	1.014.918
Marcas e Patentes	6.494	7.810	11.123
Direito de Uso de Lojas	28.167	33.829	46.728
Direito de uso de Sistemas	40.386	55.673	94.708
Intangível - Mais Valia	-	266.427	301.463
Ágio	-	466.128	560.896
Passivo Total + Patrimônio Líquido	1.413.249	2.832.545	3.366.326
Passivo Circulante	464.659	911.418	1.519.000
Passivo Não Circulante	202.519	572.530	255.320
Patrimônio Líquido Consolidado	746.071	1.348.597	1.592.006

Fonte: Dados das Demonstrações Contábeis da empresa Alfa referentes aos anos de 2019, 2020 e 2021.

O primeiro ponto destacado foram os resultados financeiros apresentados na Tabela 1, de forma gradativa, que, apesar dos desafios enfrentados durante a pandemia do Covid-19, no final do exercício de 2021, a companhia obteve recordes em sua história. Conforme disponível no relatório anual da empresa, a marca cresceu 44% nos 3 anos da análise.

No que concerne ao critério e metodologia utilizada para calcular os intangíveis da empresa Alfa, constatou-se que utilizam o cálculo a partir do seu custo de aquisição ou de desenvolvimento. Suas demonstrações contábeis são divididas em vida útil definida e vida útil indefinida. Segundo as notas explicativas da companhia Alfa, os intangíveis com vida definida, ao longo de sua vida útil, são realizadas as amortizações e são avaliados em relação à perda por redução ao valor recuperável (toda vez que dispuser de perda acerca do valor econômico).

Já quanto os intangíveis com vida útil indefinida, a empresa não realiza a amortização, mas são testados anualmente em relação às perdas por redução ao valor recuperável, individualmente ou no nível da unidade geradora de caixa. A avaliação de vida útil indefinida é revisada todos os anos e, caso necessário, passa de vida útil, de indefinida, para definida.

Ademais, analisou-se o balanço patrimonial da empresa Beta, referente aos anos de 2019, 2020 e 2021, o qual está disponível para visualização, de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2: Balanço Patrimonial da empresa Beta.

EMPRESA BETA	EXERCÍCIO ANO		
	2019 (R\$)	2020 (R\$)	2021 (R\$)
Ativo Total	276.150.485	338.317.665	344.723.578
Ativo Circulante	247.745.443	299.193.892	306.206.325
Ativo Não Circulante	28.405.041	39.123.773	38.517.253
Ativo Realizável a Longo Prazo	8.515.169	2.477.952	1.425.984
Investimentos	110.854	110.854	110.630
Imobilizado	14.685.087	13.706.770	14.784.311
Intangível	5.093.931	22.828.197	22.196.327
Sistemas Aplicativos - Software	564.321	455.188	389.278
Marcas e Patentes	3.393.099	3.392.637	3.392.174
Direitos Autorais	85.389	65.439	45.488
Fundo de Comércio	900.000	900.000	900.000
Intangível em Andamento	151.122	154.131	284.678
Direito de Uso em Imóveis	-	17.860.803	17.184.708
Passivo Total + Patrimônio Líquido	276.150.485	338.317.665	344.723.578
Passivo Circulante	38.416.734	58.315.422	68.844.907
Passivo Não Circulante	3.897.391	25.716.455	17.086.739
Patrimônio Líquido Consolidado	233.836.359	254.285.788	258.791.932

Fonte: Dados das Demonstrações Contábeis da empresa Beta referentes aos anos de 2019, 2020 e 2021.

Conforme demonstrado, pode-se perceber que a empresa, entre os anos da presente análise (2019, 2020 e 2021), está em escala crescente, mesmo tendo enfrentado um ano pandêmico. Em 2021, houve um aumento percentual de 20% em seu ativo circulante em relação aos 2 anos anteriores.

Os ativos intangíveis consistem em *softwares* de computador, registros de marcas, direitos autorais de projetos arquitetônicos e direito de uso de imóveis, reconhecidos pelo custo, menos a amortização acumulada e quaisquer perdas por redução ao valor recuperável. Conforme disponibilizado nas demonstrações contábeis da empresa Beta, durante a vida útil dos intangíveis, esses são amortizados através do método linear, em função do benefício econômico.

Evidencia-se que a conta do balanço patrimonial que mais obteve variação é a dos ativos intangíveis, que aumentou em mais de 3 vezes de 2019 para 2021. De acordo com o relatório de sustentabilidade publicado pela companhia em 2020, este aumento significativo resultou do investimento contínuo em inovação e em novas tecnologias para o correto tratamento e reaproveitamento de seus resíduos industriais. Outro dado intangível colocado em prática em 2020 foi a adequação dos sistemas para com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), pois é um tema relevante tanto para os *stakeholders* internos quanto para os externos.

Em conformidade com o que consta no balanço patrimonial da empresa Gama, analisaram-se os três anos (2019, 2020 e 2021), conforme demonstra a Tabela 3.

Tabela 3: Balanço Patrimonial da empresa Gama.

EMPRESA GAMA	EXERCÍCIO ANO		
	2019 (R\$)	2020 (R\$)	2021 (R\$)
Ativo Total	213.325	322.268	331.485
Ativo Circulante	174.168	249.041	268.226
Ativo Não Circulante	39.157	73.227	63.259
Ativo Realizável a Longo Prazo	8.206	41.621	23.910
Investimentos	2.900	2.900	2.900
Imobilizado	25.983	24.442	25.777
Intangível	2.068	4.264	10.672
Sistemas Aplicativos - Softwares	2.068	4.264	10.672
Passivo Total + Patrimônio Líquido	213.325	322.268	331.485
Passivo Circulante	59.160	103.318	121.701
Passivo Não Circulante	33.293	77.380	76.437
Patrimônio Líquido Consolidado	120.872	141.570	133.347

Fonte: Dados das Demonstrações Contábeis da empresa Gama referentes aos anos de 2019, 2020 e 2021.

Conforme os dados apresentados na Tabela 3, assim como nas outras duas empresas acima, a empresa Gama também está em crescimento e desenvolvimento.

Evidencia-se que a conta de intangível duplicou de valor do ano de 2019 para 2020 e aumentou em 150% no ano de 2020 em relação ao de 2021. Está explícito na Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC) que tinham um saldo no valor de R\$ 522.000,00 em 2020 e que, em 2021, adicionaram R\$ 6.988,00, além de, incorporarem o valor de R\$ 4.563,00 referente a *Software*. No mais, não publicaram nenhuma outra informação na conta do Intangível da organização.

De acordo com as notas explicativas publicadas nas demonstrações contábeis da companhia Gama, os ativos intangíveis são mensurados ao custo no momento do seu reconhecimento inicial. Após esta ocorrência, são transmitidos através do custo, subtraindo a amortização acumulada e as perdas de valor recuperável. Quando ocorre a venda ou não são esperados benefícios futuros, o intangível deve ser retirado das informações contábeis.

A partir da análise dos balanços patrimoniais referentes aos respectivos anos de 2019, 2020 e 2021 das três empresas, conforme objetivo da presente análise, foi possível sistematizar o comparativo dos ativos intangíveis.

Tabela 4: Comparativo dos Intangíveis das empresas Alfa, Beta e Gama.

COMPARATIVO (R\$)	ALFA			BETA			GAMA		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Intangíveis	75.047	829.867	1.014.918	5.093.931	22.828.197	22.196.327	2.068	4.264	10.672
Marcas e Patentes	6.494	7.810	11.123	3.393.099	3.392.637	3.392.174	-	-	-
Direito de Uso de Lojas	28.167	33.829	46.728	-	17.860.803	17.184.708	-	-	-
Direito de uso de Sistemas	40.386	55.673	94.708	564.321	455.188	389.278	2.068	4.264	10.672
Direitos Autorais	-	-	-	85.389	65.439	45.488	-	-	-
Intangível em Andamento	-	-	-	151.122	154.131	284.678	-	-	-
Intangível - Mais Valia	-	266.427	301.463	-	-	-	-	-	-
Fundo de Comércio	-	-	-	900.000	900.000	900.000	-	-	-
Ágio	-	466.128	560.896	-	-	-	-	-	-

Fonte: Dados coletados através das demonstrações contábeis das empresas Alfa, Beta e Gama (2022).

Conforme demonstrado na Tabela 4, foi realizada a análise das empresas Alfa, Beta e Gama, dos anos de 2019, 2020 e 2021. Os valores utilizados foram o valor bruto dos ativos intangíveis, subtraindo da amortização acumulada, sendo evidenciado o saldo de cada item.

A companhia que possui os maiores valores de registros de ativos intangíveis é a Beta, destacando-se as contas de Direito de Uso em Lojas, as Marcas e Patentes, Fundo de Comércio e o Direito de Uso de Sistemas, reconhecidos como *Softwares*. Pode-se perceber que houve um

avanço de 2019 para 2020, visto que foi acrescentada a conta de Direito de Uso em Lojas, os quais são direitos exclusivos do autor que desfruta dos resultados econômicos da obra.

A organização Alfa também evidenciou um aumento das contas que compõem os ativos intangíveis. Houve um aumento de 57% dos *Softwares* de 2019 até 2021, visto que estão aprimorando seus sistemas. Já as Marcas e Patentes praticamente dobraram sua contabilização, pois seus investidores acreditaram nas métricas sustentáveis em que a empresa se posiciona.

A empresa Gama evidenciou apenas as informações dos *Softwares*, o que comprometeu a análise dos ativos intangíveis por falta de informações. Outro dado que dificultou a coleta dos dados nas demonstrações contábeis dessa organização foi o fato de terem misturado as contas de ativo imobilizado e de ativo intangível.

A análise comparativa demonstra que ocorreu um aumento nos ativos intangíveis das empresas Alfa, Beta e Gama. Contudo, não houve um aumento expressivo nos números intangíveis, relacionados à imagem das empresas do presente estudo, de forma proporcional à percepção que os *stakeholders* têm de empresas socialmente responsáveis e ambientalmente sustentáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Environmental, Social and Governance* - ESG é um termo utilizado para aludir às boas práticas ambientais, sociais e de governança corporativa. Até o início do século XXI, as empresas consideravam seu sucesso fundamentando sua métrica de resultados estritamente a partir do seu faturamento e lucro.

Hoje essas métricas, sozinhas, não se sustentam. Com base nisso, desenvolver a empresa sob o prisma da sustentabilidade gera um ganho reputacional intangível que impacta diretamente na valorização da companhia. Nessa perspectiva, o presente estudo foi desenvolvido a partir do seguinte problema: Em que medida a adoção de políticas e práticas de ESG podem influenciar os intangíveis de empresas calçadistas, agregando valor e diferencial competitivo?

Assim, a partir do estudo de casos múltiplos, a investigação delimitou sua amostra em três empresas calçadistas com perfil semelhante, denominadas de Alfa, Beta e Gama. A metodologia adotada para o presente estudo, de abordagem quanti-qualitativa, proporcionou, mediante a aplicação de dois questionários, a coleta dos dados junto aos responsáveis pela área de ESG e aos contadores das três empresas situadas nas regiões do Vale do Paranhana e do Vale do Rio dos Sinos, no estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, a pesquisa documental proporcionou a análise dos documentos contábeis/financeiros, incluindo o balanço patrimonial e o relatório de sustentabilidade de cada uma das empresas da amostra. Essa pesquisa, associada à pesquisa bibliográfica do presente artigo, proporcionou a averiguação e análise dos dados, ascendendo nas considerações finais.

A metodologia utilizada possibilitou o alcance dos objetivos geral e específicos. Foi evidenciado, através dos dados coletados na pesquisa e nas demonstrações contábeis, que a adoção de políticas e as práticas de ESG podem influenciar nos ativos intangíveis de empresas calçadistas, agregando valor e diferencial competitivo.

Em relação aos objetivos específicos, mediante a análise das demonstrações contábeis/financeiras e o relatório de sustentabilidade dos últimos 3 anos das empresas calçadistas, pode-se perceber que as empresas Alfa e Beta possuem resultados financeiros melhores, especificamente, em relação aos intangíveis. Todavia, a área contábil não tem demonstrado o nível de aprofundamento congruente com as informações necessárias para estruturar autenticamente os relatórios contábeis quanto aos intangíveis.

Ademais, ao comparar as respostas dos responsáveis pela área de ESG de cada uma das empresas, correlacionando com os documentos, foi possível realizar a análise da relação custo/benefício com a implementação de ESG.

Com base nas respostas sobre o custo/benefício para obter certificações sustentáveis e de ESG, pode-se inferir que o custo foi pequeno na percepção dos respondentes (principalmente da área de ESG), já que as empresas obtiveram retorno para a imagem da marca no mercado.

Além disso, foi questionado aos contadores sobre o processo que utilizam para mensurar e registrar os intangíveis. Percebeu-se que cada empresa utiliza um método específico. As empresas Alfa e Beta mensuram de acordo com o CPC 04, enquanto a empresa Gama utiliza os procedimentos presentes no CPC 06 na IFRS 16 (contratos de arrendamentos).

Independentemente de as organizações do estudo terem alcançado a certificação de nível máximo, chamada Diamante, no projeto Origem Sustentável, da AbiCalçados, o processo *Environmental, Social and Corporate Governance* - ESG está em adequação nas empresas. Percebe-se que essas organizações estão no processo de implementação e que nem todas as áreas das empresas estão apropriadas para aderir e adaptar-se aos novos processos internos.

O estudo demonstrou que, para uma empresa que almeja ser referência em sustentabilidade e liderar a transformação da indústria calçadista, tornou-se crucial implementar práticas ambientais, sociais e de governança corporativa em todas as esferas do negócio. Para que isso ocorra, a contabilidade deve estar integrada neste processo de reestruturação.

Neste viés, para compatibilizar os dados contábeis em relação à área de ESG, os contadores precisam de atualização e capacitação profissional constante, a fim de atuarem de forma estratégica, desde o planejamento até a contabilização desse.

Em função da ESG estar em ascensão e ser emergente dentro da sociedade e das organizações, essa temática constitui-se um campo para a continuidade de estudos futuros. Sugere-se, como uma possível continuação deste estudo, pesquisas a fim de desenvolver novos procedimentos e parametrizações entre a ESG e as demonstrações contábeis, especificamente quanto ao monitoramento dos intangíveis.

Para concluir, Abramovay alerta que “[...] o atual modelo econômico mundial é um pacto de suicídio global” (ABRAMOVAY, 2012, p. 181). Portanto, faz-se necessário mobilizar pessoas e empresas para aquisição de conhecimento relevante na direção das transformações que o meio ambiente e a sociedade carecem, sendo a ESG um deles.

REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS. **Associação Brasileira das Indústrias de Calçados**. 2021. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/>. Acesso em: 03 de março de 2022.

ABINFORMA - Informativo da Associação Brasileira das Indústrias De Calçados. **Sustentabilidade no Radar da Cadeia Coureiro-Calçadista**. 2020. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/>. Acesso em: 05 de março de 2022.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Muito Além da Economia Verde**. São Paulo: Abril, 1. ed, 2012.
ALMEIDA, Tamara Santos de; PASQUALETO, Kellen. ESG, o que Isso Significa? **Imigrante**. São Leopoldo, 10 fev. 2022, p. 06.

ASHLEY, P. A.; CARDOSO, J. G. **A responsabilidade social nos negócios**: um conceito em construção. In: ASHLEY, P. A. (Coord.). **Ética e Responsabilidade Social nos Negócios**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

ABNT - Associação Brasileira De Normas Técnicas. **Norma Brasileira NBR - ISO 26000**. Diretrizes sobre responsabilidade social. Rio de Janeiro, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

ORGES, Maria de Lourdes; SILVA, Adelina G. da. **Implicações de um Cenário Multigeracional no Ambiente de Trabalho**: Diferenças, Desafios e Aprendizagem. 2013.

BRUNDLAND, Gro Harlem. **Nosso Futuro Comum. Relatório Brundtland**. 1987.

CCE - Comissão das Comunidades Europeias. **Livro Verde**: Promover um quadro europeu para a responsabilidade social das empresas. Bruxelas, 18 de Julho de 2001.

COREDE - Conselho Regional de Desenvolvimento. **Perfil Socioeconômico Vale do Paranhana**. Porto Alegre, 2015.

COREDE - Conselho Regional de Desenvolvimento. **Perfil Socioeconômico Vale do Rio dos Sinos**. Porto Alegre, 2015.

CPC - Comitê De Pronunciamentos Contábeis. Pronunciamentos Contábeis Emitidos. **Pronunciamento Técnico CPC 04 (R1) – Ativo Intangível**. 2010. Disponível em: http://static.cpc.aatb.com.br/Documentos/187_CPC_04_R1_rev%2014.pdf. Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

CRC – Conselho Regional de Contabilidade. **Nova norma contábil ESG está próxima, e empresas serão cada vez mais cobradas sobre práticas socioambientais**. 2022. Disponível em: <https://online.crcsp.org.br/portal/noticias/noticia.asp?c=5040#>. Acesso em: 11 de março de 2022.

CRUZ, Augusto. **Introdução ao ESG: Meio Ambiente, Social e Governança Corporativa**. São Paulo: Scortecci, 2. ed, 2022.

Dicionário Ambiental. **O que é a Economia Verde**. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28986-o-que-e-a-economia-verde/>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

ELKINGTON, John. **Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business**. Capstone, 1994.

ELKINGTON, John. **25 Years Ago, Coined the Phrase “Triple Bottom Line.”**. 2018. Disponível em: <https://hbr.org/2018/06/25-years-ago-i-coined-the-phrase-triple-bottom-line-heres-why-im-giving-up-on-it>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

FREEMAN, R. Edward. **Strategic Management: A stakeholder approach**. Massachusetts: Pitman, 1984.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 7. ed, 2022.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos; FARIA, Ana Cristina de. **Introdução à Teoria da Contabilidade - Para Graduação**. 6. ed. -[2. Reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2018.

Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. **Indicadores Ethos para negócios sustentáveis e responsáveis**. 1998. Disponível em: www.ethos.org.br/indicadores Acesso em: 07 de abril de 2022.

KRONENBERGER, Denise. **Desenvolvimento Local Sustentável: uma abordagem prática**. São Paulo: Senac, 1. ed, 2011.

LEV, B.; GU, F. **The end of accounting and the path forward for investors and managers**. New Jersey: Wiley Finance Series; John Wiley & Sons Inc. Hoboken, 2016.

LOPES, Alessandro Broedel; MARTINS, Eliseu. **Teoria da contabilidade**: uma nova abordagem. São Paulo: Atlas, 1. ed, 2007.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing**: Uma orientação aplicada. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 1. ed, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 8. ed, 2021.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**: Instrumentos de análise, gerência e decisão. 18.ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MELO, Moisés; BARBOSA, Sérgio. **Demonstrações Contábeis**: da Teoria à Prática. 1. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2018.

Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 09 de março de 2022.

ONU - Organização Das Nações Unidas. **ESG, Agenda 2030 e o Plano Decenal do Brasil de Sustentabilidade**. Disponível em: <https://www.estrategiaods.org.br/article/esg-agenda-2030-e-o-plano-decenal-do-brasil-de-sustentabilidade/>. Acesso em: 10 de março de 2022.

ONU - Organização Das Nações Unidas. **Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 de março de 2022.

ONU - Organização Das Nações Unidas. **Pacto Global**. 2000. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022.

Pacto Global; Stilingue. **A evolução do ESG no Brasil**. 2021.

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. **Sobre PNUMA**. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/sobre-onu-meio-ambiente>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

RATTNER, Henrique. **Uma Ponte Para A Sociedade Sustentável**. São Paulo: Senac, 1. ed, 2012.

STADLER, Adriano; MAIOLI, Marcos Rogério. **Organizações e Desenvolvimento Sustentável**. Curitiba: Intersaberes, 1. ed, 2012.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 1. ed, 2011.

UNITED NATIONS. **Our Common Future**: Report of the world commission on Environment and development. 1987. Disponível em: <http://www.un-documents.net/ourcommon-future.pdf>. Acesso em 10 de março de 2022.

The Global Compact. **Who Cares Wins**: Connecting Financial Markets to a Changing World. United Nations Department of Public Information, 2004.

VALLAEYS, François. *Introducción a la Responsabilidad Social Universitaria*. Barranquilla: Ediciones Universidad Simón Bolívar, 2016.

Yin, Roberto K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 5. ed, 2005.